

FOTO: MARCELO NINIO - GLOBO, CUPA CHOCOLATE, SEER, JOURNALISTAS

MARCELO NINIO

© Marcelo Ninio - O Globo
 Foto: Marcelo Ninio - O Globo



Irã, China e o 'B' do Brics

O presidente do Irã estava exultante durante a reunião do Brics em agosto do ano passado, que aprovou a entrada de seu país e de outros cinco como novos membros do grupo. Em seu discurso, Ebrahim Raisi afirmou que o Brics seria beneficiado por "vantagens históricas" com a adesão da República Islâmica, em "um novo passo para a

justiça, a moralidade e a paz no mundo".

A adesão do Irã foi um dos motivos para que o novo time ficasse desfalcado antes mesmo da estreia. Seis semanas antes da entrada em vigor do "novo Brics", a Argentina deu uma guinada para a direita ao eleger Javier Milei, que disse não ao convite. A recusa não foi só por diferenças ideológicas com Teerã (e também com China, Rússia e até o Brasil de Lula), mas pelo histórico iraniano na Argentina. Há poucos dias, a justiça do país apontou o Irã como mandante dos atentados contra a comunidade judaica de Buenos Aires, que deixaram um total de 114 mortos em 1992 e 1994.

Chefiado na época por Celso Amorim, o Itamaraty teve um papel indireto na crise, quando a Embaixada do Brasil no Irã cuidou dos interesses da Argentina no país devido ao estreitamento entre Buenos Aires e Teerã. Em seu livro "Teerã, Ramalá e Dohá", Amorim lembra que em seguida, já embaixador na ONU, defendeu uma política que permitisse manter o Irã "engajado" com a comunidade internacional, apesar dos indícios de envolvimento com o terror. Anos depois, a aproxi-

mação levaria Amorim a ser um dos protagonistas na tentativa de intermediar um acordo nuclear com o Irã. O acordo até saiu, mas foi descartado pelos EUA e ficou só no papel.

De volta àquele encontro de 2023 em Johannesburg, a expansão foi uma vitória sobretudo de Pequim, que exibiu musculatura geopolítica para realizar seu antigo projeto, o "Brics Plus". A ideia era aumentar o peso coletivo com a adição de novos sócios aos cinco originais: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Atingida pelas sanções do Ocidente após a invasão da Ucrânia e dependente da China, a Rússia mergulhou de cabeça no plano para ganhar uma camada extra de proteção diplomática.

Brasil, Índia e África do Sul foram atrás. Para o Irã, alvo de sanções americanas desde 1979, as vantagens de entrar num clube de emergentes encabeçado pela China eram ainda mais óbvias, uma nova frente de apoio para

mitigar seu isolamento no cenário internacional. Em seu encontro com Lula durante a cúpula, Raisi disse que a "pressão máxima" dos EUA serviu de incentivo para a República Islâmica obter avanços tecnológicos e novas parcerias. Na prática, as sanções fortaleceram os ultranacionalistas e a linha-dura do regime.

O escudo diplomático esperado pelo Irã com a adesão ao Brics foi testado na recente escalada na região, com sucesso parcial. Quando o Irã atacou Israel, Rússia e China afirmaram que era seu direito de defesa. Outro novato no Brics, a Arábia Saudita pediu calma, enquanto circulavam notícias de que ajudou Israel a se defender. Já o Brasil foi econômico em sua reação inicial, com uma nota do Itamaraty manifestando preocupação.

Não quer dizer necessariamente que o compromisso brasileiro tem a ver com a nova parceria com o Irã no Brics, mas há sinais crescentes de um esforço em coordenar posições sobre temas quentes da geopolítica dentro do grupo. A China certamente tem interesse nisso. No mês que vem, Amorim tem marcada uma visita a Pequim, a convite do governo chinês.

Chefe de inteligência militar de Israel renuncia por 7 de outubro

Em carta, general assume responsabilidade por fracassos de segurança

10.09.23

O diretor do serviço de Inteligência Militar israelense, o general Aharon Haliva, renunciou ontem por sua "responsabilidade" pelas falhas que precederam o ataque terrorista do Hamas em 7 de outubro de 2023, que deixou cerca de 1,2 mil mortos e quase outras 240 pessoas como reféns. Haliva entrará para a re-

serva após a nomeação de seu sucessor, tornando-se a primeira autoridade graduada no âmbito militar e de segurança a deixar o cargo após o atentado sem precedentes do grupo.

O general enviou uma carta ao tenente-general Herzi Halevi, chefe do Estado-Maior do Exército, assumindo a "responsabilidade" pelos fracassos na segurança que permitiram a invasão

do sul israelense e afirmando que carregará para "sempre a terrível dor da guerra". "A divisão de Inteligência sob meu comando não esteve à altura da tarefa que nos foi confiada. Carrego aquele dia comigo desde então", acrescentou. O general pediu ainda a criação e implementação de um comitê de investigação para apurar "os fatores e circunstâncias"



"Terrível dor": Haliva é a autoridade mais graduada a deixar o cargo após ataque

que levaram ao ataque.

Em um comunicado, o Exército afirmou que Haliva deixará sua posição e as Forças Armadas após a nomeação de seu sucessor, embora não tenha ficado claro quanto tempo levará.

Haliva tornou-se o símbolo do fracasso do establishment israelense em evitar o ataque mais mortal da história de Israel, e seu afastamento ocorre no âmbito das investigações internas realizadas desde março, segundo o Times

of Israel, por algumas unidades das Forças Armadas consideradas responsáveis por não terem detectado os preparativos do Hamas para a invasão ou por não terem se preparado adequadamente.

Vieram à tona uma série de falhas militares e de inteligência que desestabilizaram a segurança de segurança dos israelenses e abalaram a confiança em seus líderes. Poucos dias após o ataque, o chefe do Shin Bet, Roger Bar, assumiu a responsabilidade por falhas na segurança interna. Uma das mais significativas foi a avaliação de muitas autoridades da área de segurança de que o Hamas não se preparava para uma grande ação.

PRÊMIO
faz
diferença
O GLOBO

COM SUAS ATITUDES
O MUNDO SE TORNA
UM LUGAR MELHOR
PARA TODOS.

O SEU VOTO AJUDA NA ESCOLHA DOS VENCEDORES
NAS 14 CATEGORIAS DO PRÊMIO FAZ DIFERENÇA 2023.



Vote até 28/04 no site
FAZDIFERENCA.COM.BR

CATEGORIA
MUNDO

• LEONEL MARIANO JUNIOR

O capitão de mar e guerra Leonel Mariano da Silva Junior é um dos especialistas da Marinha que atua no processo de desminagem humanitária na Colômbia, à frente do Grupo de Monitores Interamericanos (GMI).

• MAHA MAMO

Foi a primeira apátrida a obter nacionalidade brasileira, depois de 30 anos sem pertencer a nenhuma nação. A sua história inspirou uma importante mudança na legislação no Brasil, que passou a incluir o termo pela primeira vez. O caso rodou o mundo e também inspirou leis em vários países.

• MARCELO HAYDU

É diretor do Instituto Adus, que capacita refugiados no Brasil. A instituição lançou o livro "Sabores & Lembranças", que conta a história de como a gastronomia salvou quatro refugiados quando chegaram ao país.

PATROCÍNIO

Firjan Sesi

REALIZAÇÃO

O GLOBO